

O TRATAMENTO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM DICIONÁRIOS ESCOLARES BRASILEIROS E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Aderlande Pereira Ferraz e
Cristiane Aparecida Soares da Silva Rozenfeld

INTRODUÇÃO

O efetivo papel da escola em relação ao ensino de português é contribuir para o desenvolvimento da competência linguística dos estudantes. Esse desenvolvimento deve favorecer o uso da língua em condições que o falante ou usuário consiga produzir textos orais ou escritos inteligíveis, assim como compreender os textos orais e escritos que recebe. Para a consecução de tal objetivo, são vários os recursos didáticos de que dispõe a escola, entre eles, o dicionário escolar.

Aproveitando o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Ministério da Educação instituiu a distribuição regular de dicionários escolares para as escolas públicas brasileiras, como meio de instrumentalizar a sala de aula com mais recursos didáticos. Há, desse modo, uma via pela qual o dicionário chega ao estudante brasileiro; e chega como instrumento didático.

Esse fato por si reforça a importância do contato com o dicionário, tanto por parte do professor quanto do aluno, considerando que tal instrumento didático é um repositório de informações diversificadas sobre a palavra. Informações que não se atêm apenas ao âmbito da configuração linguística, mas que alcançam o domínio das representações culturais, com os seus sistemas de valores, refletindo os diversos matizes

da comunicação em sociedade. Em realidade, o dicionário escolar não é somente uma ferramenta de informação, mas também de formação e educação.

Nesse sentido, o dicionário, ao representar parte do léxico em uso, registra a memória social da língua, caracterizada pelos diversos usos das palavras, cujo conteúdo cultural se evidencia com mais ênfase em certos tipos de unidades lexicais, por exemplo, nas unidades fraseológicas. Dentre estas, destacamos as expressões idiomáticas, construídas a partir dos valores culturais da comunidade linguística, razão pela qual se torna muito difícil a tarefa de traduzi-las ou de encontrar, para elas, equivalências idiomáticas em outras línguas.

Com isso, o objetivo principal deste capítulo é refletir sobre o tratamento que os dicionários escolares brasileiros têm dado às expressões idiomáticas e apresentar importantes aspectos do estudo que se deve fazer em sala de aula sobre tais unidades fraseológicas. Assim, algumas atividades são sugeridas para as aulas de português, com ênfase no estudo do léxico. Importa considerar que o trabalho com expressões idiomáticas em sala de aula favorece a oportunidade de reflexão sobre a tipologia das unidades lexicais, como também sobre a variação linguística.

Os dicionários escolares sob análise constituem o acervo aprovado pelo PNL D de 2012, classificado de tipo

4. São quatro dicionários destinados aos estudantes do ensino médio: o *Dicionário Houaiss Conciso*, da editora Moderna; o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, da editora Lexicon; o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, da editora Piá; e o *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*, da editora Nova Fronteira.

BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA LEXICOGRAFIA

A história da lexicografia começa na Antiguidade, com a prática de organizar palavras em listas. Os acádios e babilônios, três milênios antes da era cristã, já organizavam listas de palavras relacionadas com as suas atividades mercantis em campos semânticos (ROCHA; ROCHA, 2011). Glossários cuja função era auxiliar a compreensão de textos literários foram elaborados por filósofos e gramáticos da escola grega de Alexandria.

Segundo Biderman (1984), o que restou desse período são apenas referências às obras lexicográficas gregas, aos glossários feitos em Alexandria e ao *Appendix Probi*, do século III d.C. Este último se trata de uma lista de 227 palavras de uso corrente com as suas equivalências para a norma culta.

Na Idade Média, houve uma intensificação da atividade lexicográfica, principalmente na produção

de glossários, enciclopédias e listas onomasiológicas bilíngues, devido a um conjunto de fatores que incluem a ascensão das línguas vernáculas e o incremento das atividades comerciais entre os povos. Nesse período, as obras lexicográficas, por se tratar de textos volumosos, complexos e caros, eram acessíveis apenas aos mestres.

Com o advento da prensa tipográfica no século XV, a difusão do conhecimento escrito ficou mais barata e rápida. Com isso, os glossários bilíngues foram se tornando cada vez mais acessíveis.

Na primeira metade do século XVI, a lexicografia começou a se estruturar como disciplina linguística, nos centros humanísticos europeus (VERDELHO, 2002). Tal desenvolvimento foi motivado pelas necessidades do ensino do latim como língua estrangeira e, desse modo, muitos dos trabalhos lexicográficos dessa época eram glossários bilíngues latim-vernáculo.

Em decorrência desses fatores, segundo Verdelho (2002, p. 2) deu-se, de forma natural, a dicionarização das línguas vulgares. Com o Renascimento e a cultura humanista, os trabalhos lexicográficos passaram a desfrutar de elevado prestígio nas sociedades europeias. Data desse período o surgimento dos estados nacionais concomitantemente com a valorização das línguas vernáculas (BIDERMAN, 2003), e, com isso, a expansão dos dicionários bilíngues,

especialmente na Espanha, na França, na Itália e em Portugal; o surgimento dos dicionários elaborados por jesuítas, destinados à formação linguística; além da publicação dos primeiros tesouros lexicográficos (*thesaurus*).

A lexicografia de língua portuguesa tem início em Portugal e tem em Rafael Bluteau um proeminente representante com o seu *Vocabulario Portuguez e Latino*, um dos mais antigos dicionários do português. Publicado no século XVIII, em 8 volumes, o dicionário bilíngue do padre Rafael Bluteau apresenta características enciclopédicas, refletindo o panorama sociocultural do mundo, não apenas de sua época, revelando a vasta cultura do seu autor.

Não é apenas um dicionário bilíngue cujo objetivo seria fornecer a palavra ou expressão latina que traduzisse um termo português; na verdade, Bluteau elaborou um trabalho misto, pois a parte relativa à língua portuguesa constitui praticamente um dicionário da língua portuguesa. (BIDERMAN, 1984, p. 4).

Em seguida, entre os mais destacados dicionários em português, surge o *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes e Silva, natural do Rio de Janeiro, em 1789, sob forte influência do dicionário de Bluteau. Somente na segunda edição de 1813, consideravelmente ampliada, o dicionário de Moraes assume autonomia, realçada pelo próprio

autor, e torna-se um marco na lexicografia de língua portuguesa.

O século XIX também trouxe importantes dicionários portugueses, como o de Frei Domingos Vieira: *Grande Dicionário Português*; o de Cândido de Figueiredo: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*; o de Caldas Aulete: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, que, em realidade, foi completado e publicado por Santo Valente e colaboradores, devido ao fato de Aulete ter morrido antes de concluir a obra.

O século XX constitui o período de intensa profusão de obras lexicográficas, especialmente na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, a situação é a mesma, caracterizada por uma vasta produção de obras lexicográficas e metalexográficas, ou seja, além do surgimento de vários dicionários e enciclopédias, muitos trabalhos acadêmicos de crítica lexicográfica também vieram à tona. Diante disso, importa considerar os dados apontados em Krieger *et al.* (2006, p. 175):

O século XX permite identificar algo em torno de 70 dicionários de língua portuguesa publicados no Brasil, variando entre obras de grande porte, do tipo padrão ou enciclopédico, dicionários ilustrados, escolares, minidicionários, entre outras tipologias que pretendem cobrir o léxico do português falado no Brasil, incluindo os dicionários de regionalismos.

Torna-se dispensável citar ou enumerar os principais dicionários brasileiros produzidos no século XX, alguns dos quais se tornaram bastante populares.

A celeridade com que se vêm desenvolvendo os recursos de tecnologia da informação, estendendo-se hoje a todas as áreas da atividade humana organizada, não permite mais à lexicografia continuar com o método operacional desenvolvido até o século XX. Atualmente, tornou-se improcedente o tradicional método lexicográfico da ficha preenchida à mão (ou com máquina de escrever) com destino à tipografia, que ainda se via no século passado.

A partir da década de 1960, começaram a surgir trabalhos de estatística léxica, com base em dados processados na linguagem de programação, de modo que muitas línguas além do inglês, sobretudo da Europa, onde há vários centros de computação léxica, já contam com pesquisas avançadas nessa área.

De par com o surgimento de dicionários impressos desenvolvidos com base na utilização de tecnologia digital, tem sido crescente o número de versões eletrônicas de dicionários anteriormente conhecidos em versões impressas, desde o aparecimento do primeiro dicionário de língua em versão de registro magnético, o *Webster's Seventh New Collegiate Dictionary*, em 1968.

O século XXI veio ampliar as alterações na praxe lexicográfica e na relação do dicionário com o consulente. Atualmente, podemos encontrar dezenas de obras de referência, numa gama bem diversificada, disponíveis para consulta em vários *sites*.

Um capítulo à parte, entretanto, é o da lexicografia voltada para o ensino de línguas, a lexicografia pedagógica.

Por essa razão, observamos que os novos aportes pedagógicos, no que concerne às tendências didáticas que muito influenciaram o ensino de línguas no início do século XX, tiveram também uma forte influência no terreno da lexicografia. Esta, a partir daí, enriqueceu-se e pôde tratar o léxico com o contributo de novos postulados teóricos, cuja ênfase era aperfeiçoar métodos de ensino de línguas, fazendo com que, da união dessas ideias, surgisse a lexicografia pedagógica, disciplina que, como salienta Zgusta (1988, p. 5), deve ser compreendida como a interação da lexicografia e da metodologia do ensino e aprendizagem de línguas. (FERRAZ, 2014, p. 223-224).

Nesse contexto, tivemos no Brasil, nas últimas décadas do século XX, os minidicionários presentes nas mochilas de muitos alunos dos ensinos fundamental e médio, figurando como dicionários escolares.

Considerando o desenvolvimento histórico da lexicografia no Brasil, vemos que a produção de

dicionários escolares, além de recente, inicia-se muito tímida no tocante aos objetivos claramente pedagógicos. Na história da lexicografia brasileira, os dicionários gerais foram, aos poucos, se adaptando para o uso na escola. Essa adaptação era quase sempre por recorte, isto é, partia-se de uma matriz (um grande dicionário) já pronta, da qual se fazia um novo produto (um minidicionário) para o uso na escola. Em face disso, durante os últimos anos do século XX, permaneceu a forte impressão de que o tamanho (minidicionário) é que caracterizava o dicionário escolar no Brasil.

É no início do século XXI, no entanto, que o Ministério da Educação (MEC) demonstra preocupação com os minidicionários em circulação no país e procura estabelecer parâmetros para regular a escolha de dicionários no âmbito da escola.

A partir de 2001, o MEC estabelece então uma crítica lexicográfica constante e sistemática voltada especialmente para os dicionários escolares, quando, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), assumiu, a partir de tal ano, a tarefa de selecionar dicionários a serem adotados em escolas públicas em todo o país.

Assim, desde 2001, o MEC tem distribuído dicionários, depois de aprovados em processo avaliatório, às escolas públicas brasileiras. A inclusão dos dicionários escolares ao PNLD foi,

indubitavelmente, um passo importante para a lexicografia pedagógica brasileira que, com o sucessivo aprimoramento dos editais do PNLD-Dicionários, se enriquece com a renovação dos produtos existentes e com o surgimento de novos produtos lexicográficos.

CARACTERIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Para uma abordagem sobre as expressões idiomáticas, é importante situar a área na qual se subscreve o estudo de tais expressões: a fraseologia. Situada no campo dos estudos lexicais, a fraseologia se ocupa das expressões polilexicais, isto é, combinatórias estáveis de dois ou mais elementos lexicais. Tendo sua origem, como disciplina linguística, no início do século XX, a partir dos trabalhos de Charles Bally (*Précis de stylistique*, 1905), a fraseologia floresceu na antiga União Soviética nos anos 40 e 50 do século passado, onde então teve o estabelecimento de seus conceitos fundamentais, seu âmbito de atuação e suas tarefas (PENADÉS MARTINEZ, 1999; CORPAS PASTOR, 1996).

O trabalho de Julio Casares (1992 [1950]), um dos pioneiros estudiosos sobre fraseologia em língua espanhola, data da mesma época em que floresceram os estudos fraseológicos na antiga URSS como disciplina científica.

Para Zuluaga (1980), *expressão fixa* ou *unidade fraseológica* referem-se a unidades fraseológicas que constituem combinações de ao menos duas palavras indo até as combinações com forma oracional. Os traços característicos dessas construções, para esse autor, são a fixação fraseológica ou pragmática e a idiomaticidade, em certo grau, de muitas delas.

Tendo como objeto de estudo as unidades fraseológicas, a fraseologia tem se constituído em um campo amplo de abordagens, tanto quanto se diversificam os fraseologismos. É que entre as unidades fraseológicas ou fraseologismos há várias estruturas lexicais consideradas, todas as quais compartilhando algumas características (unidades constituídas de mais de um componente lexical; certa coesão interna entre seus componentes; grau mais ou menos elevado de fixidez etc.), mas também se distinguindo por traços bem específicos.

Saussure (1978, p. 172, tradução nossa³), abordando as relações sintagmáticas no *Cours*, faz menção às estruturas lexicais estáveis, formadas de dois ou mais elementos que, segundo ele, pertencem à língua e não à fala, por serem “locuções estereotipadas que não podem ser alteradas, ainda que se possa distinguir, pela reflexão, as suas partes significativas”.

3 No original: “[...] ce sont les locutions toutes faites, auxquelles l’usage interdit de rien changer, même si l’on peut y distinguer, à la réflexion, des parties significatives.”

Das unidades fraseológicas, trataremos apenas das expressões idiomáticas, em conformidade com a delimitação do tema e em consideração aos limites deste capítulo.

Compostas pela junção de dois ou mais elementos lexicais, em cuja estruturação semântica o significado global é diferente da soma dos significados das partes componentes, as expressões idiomáticas têm como forte característica o significado conotativo.

Elas são comumente consideradas unidades sintagmáticas com elevado grau de fixidez entre seus constituintes lexicais. São, entretanto, estruturas estáveis, mas não petrificadas, fossilizadas, isto é, o uso contextual e o fato de as expressões idiomáticas serem constituídas por vários elementos lexicais ensejam grandes possibilidades de variação, tornando relativa a sua invariabilidade.

Certas variações são previstas pela norma da língua, isto é, são modificações parciais na estruturação dos constituintes lexicais para melhor adequação ao discurso, sem a variação do significado global da expressão, como se observa no discurso publicitário, pelos dados em Ferraz (2012, p. 67).

Temos aqui ocorrências em que as EI aparecem tanto no singular quanto no plural, sem alteração do significado global.

Variação de número (abrir o olho/abrir os olhos):

“É melhor você abrir o olho. 90% das doenças relacionadas aos raios UV ocorrem na região acima do pescoço, incluindo o câncer de pálpebra.” (VEJA 15/12/2004, p. 57)

“Para garantir que você está comprando cartuchos originais HP, preste atenção no selo de garantia, no lado direito da embalagem. Ele deve mudar do verde para o azul, de acordo com o ângulo de visão. Abra os olhos. Cartuchos originais HP têm selo de garantia que muda de cor.” (VEJA, 18/09/2002, p. 27).

As expressões idiomáticas são bastante comuns nos discursos orais como em alguns gêneros textuais escritos, em destaque, o gênero publicitário.

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NOS DICIONÁRIOS ESCOLARES TIPO 4

A importância do tratamento lexicográfico das unidades fraseológicas é cada dia mais reconhecida e, no âmbito do ensino de língua portuguesa no Brasil, esta é uma função que se espera do dicionário escolar.

Por essa razão, buscamos refletir sobre o tratamento que os dicionários escolares brasileiros têm dado às unidades fraseológicas, em consideração ao público estudantil. Dessas unidades, constituem

objeto de análise neste estudo as expressões idiomáticas em manifestação no português brasileiro.

Do ponto de vista ideológico, o dicionário escolar, ainda que se distinga do dicionário geral, deve colocar em primeiro plano o objetivo pedagógico, a partir do qual se buscará contribuir para o desenvolvimento da competência linguística de seus usuários. Concomitantemente, o efeito direto sobre tais usuários refletirá na contribuição para o desenvolvimento de sua competência lexical. Esta deve ser considerada pela capacidade de o falante compreender as palavras, na sua estrutura morfossintática e nas suas relações de sentido com outros itens lexicais constitutivos da língua. Em outras palavras:

La competencia léxica del hablante se caracteriza como el dominio de la parte del léxico general, en lo que dice respecto al sistema de las unidades léxicas, y el dominio de los patrones léxicos responsables por la realización, la producción y la interpretación de estas mismas unidades, en discursos orales o escritos, así como para la formación de las nuevas unidades consideradas buenas o aceptables o aún para la posibilidad de prevenir la formación de unidades inaceptables. (FERRAZ, 2011, p. 1847).

Com isso, o tratamento dispensado aos fraseologismos em geral deve responder às necessidades reais dos usuários a quem se destina a obra lexicográfica.

Tendo em consideração a ampla possibilidade de contribuição do dicionário escolar para o desenvolvimento da competência lexical de seus usuários, realizamos a análise de alguns desses dicionários produzidos no Brasil, observando o tratamento dado às expressões idiomáticas. Trata-se ainda de uma análise preliminar, que deverá ser ampliada e enriquecida com novos aportes teóricos, no âmbito da lexicografia pedagógica e do ensino de língua materna, por futuros trabalhos.

Aproveitando o acervo de dicionários escolares avaliados e selecionados pelo MEC, por meio do PNLD-Dicionários, em sua última edição de 2012, examinamos os quatro dicionários destinados ao público estudantil do ensino médio. São eles: o *Dicionário Houaiss Conciso* (doravante DHC), o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (DCLP), o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (DUPC) e o *Dicionário da Língua Portuguesa de Evanildo Bechara* (DLPEB).

Nossa opção por dicionários escolares tipo 4, considerando a classificação do PNLD-Dicionários⁴,

⁴ Com a edição do PNLD-Dicionários 2006, os dicionários passaram a ser adaptados ao nível de ensino do aluno, classificados em 3 tipos. A edição do PNLD-Dicionários 2012 ampliou a classificação, estabelecendo 4 tipos, adequados aos alunos do ensino fundamental e do ensino médio da rede pública. Os três primeiros tipos destinam-se ao ensino fundamental (tipo 1: ao 1º ano; tipo 2: do 2º ao 5º ano; tipo 3: do 6º ao 9º ano) e o tipo 4 ficou reservado aos alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio.

se justifica pelo fato de que o nosso objeto de estudo são as expressões idiomáticas e estas, no programa curricular, costumam ser trabalhadas em sala de aula do ensino médio.

Ao se considerar os possíveis recursos para o desenvolvimento da competência lexical, não se deve ignorar que são diversas as informações sobre as expressões idiomáticas que um dicionário escolar pode oferecer. Além da definição, são de grande importância as informações sobre as marcas de uso, os sinônimos, os antônimos, as eventuais variações, os exemplos de uso ou as abonações.

Além desses, outros aspectos da microestrutura também devem ser considerados, o que nos permite levantar as seguintes questões. Como a expressão idiomática aparece geralmente como uma subentrada no verbete de um dos seus componentes, em qual de seus constituintes lexicais ela deve estar alocada? Sendo tais constituintes de classes gramaticais diferentes, uma classe tem prevalência sobre outra para encabeçar o verbete? Como deve ser tratada a frequência de uso da expressão idiomática? E o registro de sua forma canônica?

Para esta última questão, importa considerar o que salienta Welker (2011, p. 152).

Os idiomatismos devem ser dicionarizados na sua forma canônica. Isso significa que, naqueles que contêm um verbo, este deve estar apresentado

no infinitivo, contudo, somente se o verbo puder ser conjugado livremente, ou seja, não devem ser apresentadas formas que não existem.

Welker (2011, p. 152) havia apontado tal problema no dicionário de Borba (2002), quanto ao registro de **ir a vaca pro brejo** para se referir à expressão *a vaca vai/foi pro brejo*, observando que o dicionarista deveria informar “que há restrições quanto à conjugação do verbo”. Tal problema também aparece no dicionário escolar DUPC, em que se encontra o seguinte registro: *a v. ir pro brejo*. É preciso observar também a extensão da forma da expressão idiomática.

Outro fator a observar: nem sempre as abonações ou os exemplos fazem parte da microestrutura dos dicionários, contudo, é inegável que, no registro de qualquer unidade lexical pelos dicionários, merecem atenção a qualidade e a quantidade de exemplos de uso de seus lemas. A importância dos exemplos e das abonações para ajudar na compreensão das definições dificilmente é questionada, porque a ausência de tais demonstrações de uso em repertórios lexicográficos pode prejudicar o entendimento do consulente que recorre ao dicionário para conhecer os usos de uma determinada unidade lexical.

Acresce dizer que, devido à natureza conotativa do significado das expressões idiomáticas, as abonações e os exemplos de uso se tornam imprescindíveis, de modo que a sua ausência pode comprometer

seriamente o registro dicionarizado de um dado idiomatismo.

Observamos, nesse aspecto, que, para as expressões idiomáticas, o DUPC é o dicionário escolar que mais apresenta contextualizações de uso (abonações e exemplos), ao passo que o DHC é o que menos oferece tais contextualizações.

O artigo definitório apresentado para as unidades lexicais também merece muita atenção, especialmente quando se refere às expressões idiomáticas. Em um dicionário escolar, a definição deve ser clara e redigida com as mesmas palavras dicionarizadas. As definições por sinonímia, muito comuns nos dicionários brasileiros, devem respeitar os índices de frequência de uso, para que não deixem os consulentes em círculo vicioso.

No DUPC, encontramos a expressão **(nem) tudo são flores**, que recebeu por definição as expressões idiomáticas *(nem) tudo corre bem* e *(nem) tudo vai às mil maravilhas*. Neste caso, a falta de uma paráfrase resultante da reescrita do conteúdo semântico da expressão registrada pode favorecer a ocorrência de circularidade nas consultas.

A definição por sinonímia exige cuidado também pelo fato de que é muito difícil encontrar equivalência total de significados entre duas unidades lexicais. A questão, segundo nosso ponto de vista, pode ser observada pela ótica do contexto de uso. Isto é, no

caso das expressões idiomáticas, com seu alto valor conotativo, deve-se realizar o processo de comutação das expressões no mesmo ambiente contextual de uso, para que se verifique a equivalência paradigmática das duas formas naquele tipo de ocorrência e se determine seu nível de significação.

Considerando isso, além da definição explicativa, um procedimento lexicográfico que produziria grande efeito pedagógico é o de apresentar, na parte final do verbete, alguma expressão idiomática sinônima, seguida de um exemplo de uso no qual ela ocuparia o mesmo ambiente contextual (acepção) em substituição à expressão descrita. Tal procedimento, contudo, exige muita atenção no momento de delimitar os significados. Veja-se o caso de *dar à luz*, expressão que está na mesma esfera semântica de *vir à luz*, mas não exatamente na mesma situação contextual. O que difere do caso de *virar a noite* que, além de estar na mesma esfera semântica de *passar a noite em claro*, pode substituí-la no mesmo contexto de uso.

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

As expressões idiomáticas estão abundantemente presentes em nossos atos de fala, contribuindo para expressar emoção, humor, contrariedade, ironia,

concordância, desacordo, ou seja, todas as nuances do pensamento e do sentimento humano que participam da comunicação linguística. Entretanto, a depender da norma sociocultural, que estabelece o uso linguístico adequado a certa situação, o usuário da língua decidirá quando usar expressões idiomáticas. Nesse contexto, é preciso destacar o papel da escola no desenvolvimento da competência comunicativa do estudante.

Por outro lado, como se trata de um tipo de unidade lexical, a expressão idiomática deve estar no programa dos estudos lexicais no âmbito da sala de aula, em abordagens que sempre levem em conta o contexto de uso. Para isso, importa que esse contexto esteja de acordo com o nível de registro a que elas pertencem. A contextualização linguística, se feita de modo apropriado, permite que o estudante decodifique o sentido metafórico das expressões idiomáticas e ainda saiba utilizá-las em suas manifestações comunicativas, ou recebê-las em diversos gêneros discursivos. Isso porque, para decodificar essas unidades lexicais, não é suficiente conhecer apenas as regras da gramática. É forçoso reconhecer que as expressões idiomáticas são adquiridas numa associação com as situações em que seu uso é apropriado, daí a importância da contextualização linguística adequada.

As competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) permitem inferir que o ensino de Língua Portuguesa deve desenvolver no aluno o seu senso crítico, a sua percepção das várias possibilidades de expressão linguística, e a sua capacidade de leitor eficiente dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. (PCN+, 2013, p. 55).

Em sala de aula, o estudo das expressões idiomáticas contribui para o desenvolvimento da competência lexical, a partir da qual o estudante revelará habilidades e conhecimentos para: identificar expressões idiomáticas, reconhecer valores conotativos e denotativos, observar os padrões de uso dessas unidades lexicais, distinguir o registro formal do informal, perceber a relação das expressões idiomáticas com os valores culturais da comunidade linguística etc.

Além de tudo isso, também é possível e desejável trabalhar com expressões idiomáticas em sala de aula por meio de atividades, como aquelas que envolvem variação, sinonímia e antonímia; bem como as que se referem a alterações nas formas dos idiomatismos, com finalidades estilísticas (processo de desautomatização).

Apresentamos a seguir duas propostas de atividades possíveis nas aulas de língua portuguesa, trabalhando com expressões idiomáticas. Trata-se

a primeira de uma atividade com textos autênticos, no gênero publicitário, em que se poderá trabalhar o léxico e o gênero textual. A segunda procura explorar o texto imagético e leva o estudante a ler nas imagens as mensagens veiculadas, além de identificar expressões idiomáticas referidas.

Proposta de Atividade 1

Objetivo geral: estudar o léxico do português.

Objetivos específicos: refletir sobre o aspecto semântico de expressões idiomáticas, reconhecendo o seu aspecto conotativo e sua expressividade; explorar o gênero publicitário.

- a) Identifique o gênero textual e as expressões idiomáticas nas imagens abaixo.
- b) Relacione as imagens com o seu conteúdo textual, descrevendo como a associação entre as imagens e os textos veiculam a mensagem.
- c) Você acredita que os textos dessas imagens são facilmente compreendidos por outras comunidades de língua portuguesa fora do Brasil? Por quê?



Figura 1. Anúncio publicitário

Fonte: Três razões para não ser um empresário mão de vaca. Disponível em: <http://www.pitacocriativo.com.br/tres-raoes-para-nao-ser-um-empresario-mao-de-vaca> Acesso em: 22 dez. 2018.



Figura 2. Anúncio publicitário

Fonte: Botar a boca o trombone em Inglês. Disponível em: <https://bit.ly/33fp4IO>. Acesso em: 22 dez. 2018.

Proposta de Atividade 2

Objetivo geral: trabalhar o componente linguístico a partir do texto imagético.

Objetivos específicos: refletir sobre os textos imagéticos, inferindo o aspecto semântico de expressões idiomáticas a eles associadas; desenvolver habilidades de interpretação textual.

Observe atentamente as duas imagens seguintes e responda:

- a) Nas figuras 3 e 4, sobressai o texto imagético; quais são as mensagens transmitidas pelas imagens?
- b) Cada imagem faz referência a uma expressão idiomática; identifique cada uma, explicitando o seu significado.



Figura 3. Texto imagético

Fonte: Depósito do Maia. Disponível em: <https://bit.ly/34s6kG7>
Acesso em: 22 dez. 2018.



Figura 4. Texto imagético

Fonte: Penso, logo existo... Disponível em: <https://bit.ly/34ox0Yc>.
Acesso em: 22 dez. 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há vários trabalhos (CUNHA, 2012; SANTOS, 2013) que apontam a precariedade do estudo do léxico nos programas da Educação Básica.

Em face dessa realidade, em sala de aula de língua portuguesa, no âmbito dos ensinos fundamental e médio, o trabalho com expressões idiomáticas tem sido um imenso desafio tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Ainda nesse contexto, observamos que os livros didáticos de português, no Brasil, raramente exploram a fraseologia e, quando o fazem, apresentam um tratamento marginal, como também demonstram Cunha (2012) e Santos (2013).

Reconhecemos que as unidades fraseológicas, especialmente por suas características formais e semânticas, requerem maior atenção nos processos de sua aquisição e de seu uso, razão pela qual a escola deveria se ocupar do seu estudo, contribuindo para o desenvolvimento da competência lexical dos estudantes.

Entendemos que deve haver na comunidade escolar, sobretudo entre os professores, uma conscientização sobre o largo potencial de estudo que o léxico oferece e sobre a importância de contribuir para a conscientização dos estudantes sobre a necessidade de desenvolver a competência lexical com a ampliação do conhecimento sobre as unidades do léxico.

Desse modo, procuramos destacar o valor dos dicionários escolares como instrumentos didáticos, mostrando um pouco do tratamento dado por eles às expressões idiomáticas. Ao lado disso, sugerimos algumas atividades para a sala de aula de português, com ênfase no trabalho com tais expressões.

Essas atividades chamam a atenção para o trabalho com textos didáticos autênticos nas aulas de língua portuguesa, o que favorece aos estudantes a observação da língua em uso. Assim, uma das atividades faz uso do texto publicitário e a outra dá destaque ao texto imagético, ambas trabalhando aspectos cognitivos da leitura.

Na primeira atividade, fica evidente que os textos publicitários, muitas vezes, fazem um jogo com as palavras, o que permite ao professor trabalhar, a partir daí, os sentidos literal e conotativo. Esta estratégia do texto publicitário, como se vê na figura 2, é utilizada como uma maneira de chamar e prender a atenção do leitor/consumidor, por meio da desautomatização fraseológica.

Com este trabalho, pretendemos contribuir para o ensino do léxico em sala de aula de língua portuguesa. Ao delimitar o estudo, focalizando especificamente as expressões idiomáticas, ressaltamos que tal estudo seja feito a partir do uso corrente. Enfatizamos, por fim, que é preciso realizar um trabalho em que o objetivo seja o desenvolvimento da competência lexical do estudante. Nessa perspectiva, ao propor atividades com as expressões idiomáticas, procuramos mostrar possíveis recursos que contribuem para desenvolver os cinco componentes da competência lexical: linguístico, discursivo, sociocultural, referencial e o estratégico.

REFERÊNCIAS

AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa** **Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. A. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 53-69, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4232/3827>. Acesso em: 02 out. 2018.

BIDERMAN, M. T. C. A. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, v. 28 (supl.), p. 1-26, 1984.

BORBA, F. da S. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais+**: Orientações Educacionais Curriculares Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: 2013.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: C.S.I.C. 1992 [1950].

CUNHA, A. L. da. **Expressões idiomáticas**: da linguagem publicitária para a sala de aula. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CORPASPASTOR, G. **Manual de fraseologia moderna**. Madrid: Gredos, 1996.

FERRAZ, A. P. Um Dicionário de Expressões Idiomáticas com Objetivos Pedagógicos. *In*: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. **Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. VII. Campo Grande: UFMS, 2014.

FERRAZ, A. P. Caracterização de unidades sintagmáticas no discurso publicitário. *In*: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. **Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. VI. Campo Grande: UFMS, 2012.

FERRAZ, A. P. El desarrollo de la competencia léxica desde el uso de material auténtico en la enseñanza de PLE. *In*: **Actas del IX Congreso Internacional de Lingüística General**. Valladolid: Universidad de Valladolid. 2011.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

KRIEGER, M. da G.; MÜLLER, A. F.; GARCIA, A. R. da R.; BATISTA, R. P. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 173-187, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1418/1119>. Acesso em: 15 out. 2019.

PENADÉS MARTINEZ, I. **La enseñanza de las unidades fraseológicas**. Madrid: Arco Libros (Cuadernos de didáctica del español/LE), 1999.

SANTOS, A. P. G. **O lugar dos provérbios no ensino de língua portuguesa**: uma análise do livro didático de português do ensino fundamental II. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução José Victor Adragão. 4. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978 [1916].

ROCHA, C. A. de M.; ROCHA, C. E. P. de M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

VERDELHO, T. **Dicionários portugueses, breve história**. Universidade de Aveiro. 2002. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/publicacoes/dicionarios_breve_historia.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

WELKER, H. A. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. *In*: ORTIZ, M. L. A.; UNTERNBAUMEN, E. H. (org.). **Uma (Re) Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 139-159.

ZGUSTA, L. **Lexicography Today: An Annotated Bibliography on the Theory of Lexicography.** Lexicographica Series Maior 18. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas.** Tübingen: Max Hueber, Verlag, 1980.